

Stadium

Assim, desta maneira, num golpe rápido, oportuno e preciso, marcou o avançado-centro Fernando Peyroteo o «goal» da vitória! A bola fôra chutada para a frente e o guardarede de Paris abandonou as balizas; Peyroteo meteu-se de perneio e de «cabeça», passou-lhe a bola por cima. Um modelo de execução e virtuosismo!



N. 211

18 DE DEZEMBRO DE 1945

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

A voz dos atletas: mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil

The voice of athletes: media and Paralympic Games in Brazil

https://doi.org/10.14195/2183-6019_8_6

Resumo

Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação. Assim é fácil notarmos que “o que” a mídia cobre e “como” realiza essa cobertura, e trata os participantes em cada esporte, podem ser questões que criam barreiras atitudinais, quando há o pré-julgamento de que a pessoa não será capaz de executar uma tarefa ou atingir um objetivo, ou constituídas a partir da comparação de resultados obtidos por pessoas sem e com deficiência na mesma tarefa/objetivo inferiorizando os últimos com base única e exclusivamente na deficiência; ou ainda avaliando de forma depreciativa as ações, objetivos alcançados e produções das pessoas com deficiência a partir de um pré-julgamento ou pré-conceito (Lima, 2011). No entanto, o objeto das coberturas midiáticas esportivas raramente é ouvido por pesquisadores. Assim, esse estudo visa analisar como atletas paralímpicos brasileiros percebem, entendem e interpretam suas próprias representações nos meios de comunicação, e o que pensam sobre a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos. Em linhas gerais, concluímos que alguns atletas preferem ser representados exclusivamente como atletas de alto nível, enquanto outros como exemplo de superação, no entanto, o tema mais forte

apresentou-se como a indissociabilidade das características do ser em sua apresentação; os entrevistados querem que o esporte e a deficiência sejam representados como partes importantes que compõe sua identidade.

Palavras-chave: atletas, parolimpismo, Brasil, representação.

Abstract

One cannot think about a major sports event without the presence of the media. It is, therefore, easy to realise that the issues of “what” the media covers and “how” it does it, and how it addresses the participants in each sports may create behavioural barriers when there is a preconceived idea that the person will not be able to perform a task or achieve an objective, or may arise from the comparison of results achieved by people with and without disabilities doing the same task/pursuing the same goal, undermining the latter solely on the basis of disability; or even belittling the activities, goals achieved and achievements of people with disabilities based on a preconception (LIMA, 2011). The subjects of sports media coverage, however, are rarely heard by researchers. This study, therefore, aims to analyse how Brazilian Paralympic athletes perceive, understand

and interpret their own representations in the media, and their opinion on the media coverage of the Paralympic Games. In general, we conclude that some athletes prefer to be represented exclusively as top level athletes, while others as examples of perseverance. However, the strongest idea was that the features of the being cannot be dissociated from its representation; what interviewees want is for sports and disability to be represented as significant elements that make up their identity.

Keywords: athletes, Paralympic games, Brazil, representation

Introdução

A linguagem alimenta as práticas sociais que geram sentido e no uso da linguagem coabitam a ordem e a diversidade (Spink & Medrado, 2004), servindo como espelho refletor do interior da pessoa. A linguagem é utilizada pela sociedade como veículo transmissor de pensamentos. Segundo Marks (1999), a linguagem tem um importante papel em retirar a deficiência da experiência humana mundana e trata-la radicalmente como “outro”, a pessoa com deficiência é constituída como “não exatamente humana”. Desde 1970, filósofos, sociólogos e psicólogos têm demonstrado que a linguagem tem importante papel na constituição de nossas percepções (Hall, 1997).

A linguagem molda significado, sendo negativo, positivo, crítico ou celebratório, mas sempre há significado nas matérias jornalísticas. Assim, quando o jornalista utiliza um conjunto de linguagens em sua história ou os editores reafirmam um conjunto de códigos culturais em suas produções noticiosas, eles reforçam códigos e conhecimentos culturais. Em outras palavras, linguagem molda significado

e o significado é controlado por aqueles em posições hegemônicas nas redes ou instituições ou em ambos (Newlands, 2012).

O contato com conteúdo dos meios de comunicação oferece uma forma de diálogo que abre portas invisíveis para o mundo, auxiliando o indivíduo em seu sentimento de pertença, fortalecendo sua conexão a diversos grupos. Podemos afirmar que a mídia transmite valores, ideologias e crenças das quais emergem representações sociais acerca de determinados grupos.

Como elemento na formação da opinião pública, a mídia também tem um importante efeito em como o esporte se desenvolve e é praticado (vide as mudanças de regras em alguns esportes por conta das transmissões televisivas). Atualmente é impossível pensar em um grande evento esportivo sem a presença dos meios de comunicação.

O objetivo deste estudo é analisar como atletas paralímpicos brasileiros percebem, entendem e interpretam suas próprias representações nos meios de comunicação, e o que pensam sobre a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos.

Método

Para atingirmos o objetivo dessa pesquisa realizamos entrevistas semiestruturadas com sete atletas paralímpicos brasileiros: André Brasil (natação), Terezinha Guilhermina (atletismo), Yohansson Nascimento (atletismo), Jerusa Santos (atletismo), Dirceu Pinto (bocha) e Maciel Sousa (bocha), no período de outubro de 2015 a fevereiro de 2016. Seguimos o seguinte roteiro:

- a) Identificação do consumo de mídia por parte dos entrevistados;
- b) Como o atleta se vê representado pelos meios de comunicação e o que o mesmo pensa dessa representação;
- c) Quais os principais pontos positivos e negativos da cobertura midiática de acordo com o entrevistado;
- d) Entender sua história como pessoa com deficiência e atleta, e tentar perceber se há diferença de valor dado a uma ou outra;
- e) Como o atleta gostaria de ser representado.

A realização das entrevistas foi autorizada pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Parecer nº 1.254.094).

Tabela 01 – Eixos temáticos das entrevistas

Eixo Temático	Categoria
Início no Esporte	Reabilitação
	Lúdico/Recreação
	Profissional
Deficiência	Reabilitação
	Características positivas
	Dificuldades
	Preconceito
	Transformação na vida
	Curiosidade
Esporte	Mudança de vida
	Quebra de preconceito
	Exemplo
	Dificuldades
	Realizações
	Esperança em 2016
Comparações	Com atleta paralímpico
	Com atleta olímpico
	Consequências
Mídia	Melhora na cobertura
	Problemas
	Cobertura insuficiente
	Expectativa de mudança
	Foco na deficiência
	Superação
	Coitadinho
	Fracasso
	Olimpíadas x Paralimpíadas
	Preconceito
	História completa
	Visibilidade local
	História de vida
	Importância da mídia

As entrevistas foram realizadas em datas e horários previamente agendados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Também lançamos mão da gravação com o consentimento dos participantes, a fim de que o foco do pesquisador estivesse todo no processo em vez

de ter sua atenção dividida com anotações.

Após a transcrição das entrevistas procedemos à análise de conteúdo temático. Nesse caso a construção de um sistema de categorias ou eixos temáticos foi feita *a posteriori* (Tabela 01).

A voz dos atletas

Tynedal e Wolbring (2013) analisaram o jornal americano New York Times, de 1955 a 2012, buscando informações sobre os Jogos Paralímpicos e concluíram que poucos paratletas foram mencionados através do nome. No entanto, Figueiredo (2017), em seu estudo sobre a cobertura

dos Jogos Paralímpicos de 2012 em quatro periódicos impressos brasileiros, afirma que, o nome do atleta é o termo mais encontrado. Segundo Moraes (2000, p. 49) o nome é “(...) um dos direitos mais essenciais da personalidade”. A psicanálise estabelece que o nome humaniza o sujeito, suportando a identidade social, bem como a identidade subjetiva (Mariani, 2014). A importância do nome é ressaltada pela atleta Terezinha Guilhermina. Para a velocista, sua identidade como pessoa é ainda mais importante do que sua identidade como atleta.

Desde que meu nome venha primeiro, eu não tenho problema. Meu problema é quando colocam “A deficiente visual, Terezinha Guilhermina”, “A cega, Terezinha Guilhermina”, poxa minha mãe não me registrou como cega, nem deficiente, também não me registrou como atleta, então vem Terezinha primeiro, Terezinha Guilhermina é o meu nome, e eu prefiro que seja eu primeiro e depois vem o resto das informações. Porque eu acho que é..., você quando fala o nome da pessoa, ela é um todo, ela tem uma identidade (Terezinha Guilhermina).

A terminologia, bem como expressões associadas aos atletas a fim de identificá-los, defini-los ou adjetiva-los, auxiliam na construção, manutenção ou reforço de estereótipos. Os estereótipos influenciam tanto no processamento da informação dada quanto das lacunas. Eles simplificam aquilo que é complexo ao reduzir o ser a poucas características, facilitando o cotidiano, mas ao mesmo tempo levando a generalizações incorretas sobre o indivíduo, gerando julgamentos oblíquos.

Referindo estudos anteriores sobre os efeitos da mídia na sociedade, Schantz e Gilbert (2001) concluíram que os meios de comunicação de massa influenciam, principalmente, reforçando normas e atitudes; todavia, pelas pesquisas da psicologia social percebemos que a mídia também auxilia na mudança de estereótipos e quebra de paradigmas.

(...) quanto mais familiar se é com os membros de um grupo, mais se conhece membros desse grupo, mais contatos frequentes se tem e experiências ricas com eles, mais informações ou conhecimentos sobre este grupo se terá na memória e mais tendência de perceber este

grupo como heterogêneo ou pouco estereotipado. (...) O fato determinante é a simples quantidade de informação à qual as pessoas são expostas (...) (Deschamps & Moliner, 2009, p. 68).

No esporte, como em outros âmbitos da vida, não é diferente, os estereótipos se espalham, modalidades “para homens” versus “para mulheres”, esportes nos quais brancos têm melhor desempenho do que negros, e vice-versa, esporte para pessoas com deficiência como sinônimo de reabilitação. Essas ideias foram construídas historicamente e transmitidas através da linguagem.

André Brasil, ao falar do início de sua carreira, critica a ideia de esporte fortemente vinculado à reabilitação.

O esporte, não só para mim, mas como para qualquer pessoa com deficiência, começou como reabilitação. Acho que é isso que a gente tem no nosso país. A gente não tem o esporte pelo esporte. (...) Então uma pessoa com deficiência ela começa como reabilitação. E não foi diferente a minha entrada, foi por indicação de um médico que eu

comecei a nadar, comecei como tratamento, até com seis para sete anos da minha vida foi como tratamento (André Brasil).

O que percebemos pela fala dos atletas é que o esporte paralímpico, que tem suas raízes na reabilitação, vem se alterando. Outros esportistas, como, por exemplo, Terezinha Guilhermina, Yohansson Nascimento e Maciel Sousa iniciaram na prática por motivos diversos à reabilitação.

É, eu comecei como recreação porque até então eu não fazia nada né (Maciel Sousa).

Mas eu comecei mais para conhecer, como recreação, e deu nisso que deu. Hoje eu estou aí a menos de um ano de representar o Brasil no Rio de Janeiro. Mas a minha história começou assim, depois do convite que ela me fez [treinadora] e eu aceitei, nunca imaginei ser atleta profissional na minha vida, e gostei (Yohansson Nascimento).

Eu comecei já com o intuito de ser... eu já falei para o meu treinador: já

que eu vou fazer corrida eu quero ser a melhor do mundo (Terezinha Guilhermina).

Bertling (2012), ao entrevistar jornalistas alemães especializados em esporte, demonstrou que esses reclamam que a cobertura das Paralimpíadas é deficiente e estereotipada. Fong e Katz (2012) confirmam essa ideia ao afirmar em seu estudo que a maioria dos jornalistas esportivos concorda que não há cobertura midiática suficiente dos Jogos Paralímpicos e que muitas matérias estão cheias de estereótipos, além da imagem do atleta com deficiência não ser atraente para os consumidores de mídia.

Golden (2003) entrevistou jornalistas americanos nas Olimpíadas e Paralimpíadas e concluiu que eles não acreditam que o esporte para pessoas com deficiência seja válido, ou legítimo, por considerarem que atletas com deficiência não possam ser competitivos.

Os atletas entrevistados em nossa pesquisa percebem e sentem-se incomodados, pelos equívocos cometidos por jornalistas, frutos de evidente falta de preparação para a cobertura do esporte paralímpico.

E, muitas vezes, eu que trabalho com assessoria, jornalista não quer saber de release, desculpa, e isso funciona com todo mundo, você recebe o release, que você não lê... ahn... e, bom, e você chega e faz as mesmas perguntas, do mesmo jeito, e o cara tem que responder as mesmas coisas, porque a gente é paciente, e a gente sabe que a gente ainda precisa de espaço (André Brasil).

(...) a maioria deles [jornalistas] faz sempre a mesma pergunta, né (Jerusa Santos).

(...) me incomoda um pouco a falta de informação... Às vezes também acontece de trocarem os nomes, trocarem a deficiência, a prova, esse tipo de erro às vezes incomoda um pouco. Colocam a foto da pessoa errada, esse tipo de coisa acontece de vez em quando, e eu acho que isso é um pouco complicado de aceitar... (...) em Atenas saiu uma matéria falando de uma atleta que era cega, e... colocou o nome de uma amputada. Aí tipo, colocou assim – amputada das duas pernas a menina – a matéria era: “Sueli Guimarães

não entra na prova dos 100m porque machuca o joelho”, e ela não tinha joelho, nem fazia 100m. Tipo, do além né? E aí o pessoal riu, mas assim não precisava disso, acho que um pouco de informação, parar para ver os nomes já ajuda. Mas acontece muito isso, tipo colocam que eu ao invés de correr eu nado, que eu corro maratona, acontece isso (Terezinha Guilhermina).

(...) a gente repetindo as mesmas coisas, isso me irrita profundamente, as mesmas coisas pelo telefone, o cara fala “Daniel Dias”, cara, poxa, você está falando com uma pessoa que, bom, você pegou o nome do cara, você entrou na internet... Daniel Dias, André Dias, Daniel Brasil como muitas vezes sai, ahn... ou o cara bota a quantidade de medalhas errada, ou numa prova errada, então, bom, mais uma vez o cara simplesmente escreveu, não fez a correção e soltou (André Brasil).

Reafirmando a ideia de Lippman (1922) de que o desconhecido gera temor, percebemos a importância de os jornalistas efetivamente buscarem in-

formações sobre o atleta e o esporte paralímpico em vez de reproduzir ideias estereotipadas, uma vez que os meios de comunicação têm, inclusive, o poder de mudar tais ideias. Não podemos, entretanto, pensar o jornalista como um ser mítico envolto pela aura da imparcialidade, ele é um ser social inserido em determinada cultura, com pensamentos e ideais próprios e que escreve para um jornal que tem diretrizes a serem seguidas. Ou seja, a sociedade influencia na forma com que os jornalistas escrevem, e ao mesmo tempo os jornalistas influenciam na forma com que as pessoas constroem suas ideias e conceitos.

Os atletas apontam pelo menos duas formas de resolver, ou amenizar, os erros e a falta de informação dos jornalistas designados para cobrir os Jogos Paralímpicos: primeiro, enviar profissionais interessados na cobertura do evento e, segundo, manter esses jornalistas durante os ciclos paralímpicos.

Bom, em 2008 a gente tinha uma pessoa [jornalista] que representava o esporte paralímpico, no ano seguinte já era outra totalmente..., então, mas uma vez eu vou ter que falar da minha história, toda cheia

de paetê, contar a mesma história do que aconteceu... (André Brasil).

É... eu acho que o interesse do jornalista, que quando você quer você vai atrás. Então quando o jornalista se interessa, é... eu acho que, sem dúvida, que a matéria sai completamente diferente, porque quando chega um jornalista que não queria estar ali, que está ali só porque foi designado, acho que... se as... emissoras ou os veículos de comunicação perguntassem quem realmente tem interesse nisso e colocasse para divulgar a Paralimpíada, a probabilidade de nós termos ahn... notícias satisfatórias para ambas as partes era bem maior, será bem maior com certeza. (...) E tem alguns países que mandam os jornalistas que realmente gostam, que entendem e que falam do assunto, o México é um deles, tem um jornalista que vai em todos os eventos e cobre e conhece todos os atletas e sabe do que está falando e eu acho isso bem legal (Terezinha Guilhermina).

O que vemos na literatura é que a cobertura midiática dos atletas pa-

ralímpicos segue duas vertentes: ou santificam o atleta, transformando-os em heróis trágicos que superaram seu destino terrível; ou ignora-os e reduzem-nos à categoria de “irrelevantes” (Schantz & Gilbert, 2012).

Muito frequentemente, os meios de comunicação representam as pessoas com deficiência em suas histórias e imagens, retratando-as como diferentes ou como pessoas que não se enquadram na sociedade. Dessa forma, as atitudes acerca destes indivíduos a partir das representações midiáticas podem se desenvolver em um misto de piedade e inspiração pelo enfrentamento. Segundo Kama (2004), o paradigma do coitadinho complementa o processo de objetificação da pessoa com deficiência, em que estes indivíduos se tornam a personificação de suas deficiências, perpetuando a imagem das pessoas com deficiência como objetos de pena. Neste estigma, as pessoas são geralmente retratadas como vítimas de um trágico destino, como incapazes, dependentes, o que as diminui, degrada e desumaniza, mostrando-as como passivas e com necessidades de cuidado e pena (Nelson, 1994).

Os atletas entrevistados rejeitam fortemente a ideia de que são vítimas ou coitadinhos.

Bom, eu não sou coitadinho de nada porque eu perdi, eu nasci assim ou perdi num acidente, eu sou um vencedor porque eu treino todo dia, eu ralo todo dia, eu malho todo dia como qualquer trabalhador, e com meu trabalho eu vou lá e conquisto uma medalha que traz orgulho para o nosso país (André Brasil).

Eu não vou chegar aqui, e depois, é... dessa entrevista que você está falando comigo, eu não quero que você olhe para mim: “Ai coitado ele não tem as duas mãos”, eu quero que você olhe para mim (...): “Poxa que história de vida bacana que ele tem apesar das dificuldades, ele venceu na vida, é um campeão”. Isso tudo, é a imagem que eu quero passar e não a imagem de deficiente (Yohansson Nascimento).

Nós não somos, muitas vezes, por ser atletas, eu não sou mais uma coitadinha, eu consigo vender uma imagem mais positiva no que tange a cores, alegria, divertimento, e não

fica mais aquela coisa de: “A coit..., a cega..., a coitadinha da cega que corre”. Eu sou uma atleta tão... com corpo, com cara, com estilo de uma atleta convencional (Terezinha Guilhermina).

Por outro lado, os atletas com deficiência também são retratados como *supercrip* ou super-deficientes e pessoas com habilidades extraordinárias para lidar e superar seus obstáculos. O uso das narrativas de *supercrip* (antes mesmo de receber esse rótulo) começa em torno do início dos anos 1990 quando a revista *Outlook*, voltada para a comunidade cega, apresenta histórias de pessoas com deficiência visual que trabalham, vão à universidade ou participam de atividades esportivas. Essas representações tinham por objetivo mudar as concepções sociais sobre as pessoas com deficiência visual (Riley, 2005).

Segundo Schalk (2016), apesar de vários autores considerarem a narrativa do *supercrip* prejudicial para que a deficiência seja entendida e aceita em sua totalidade, reforçando estereótipos e preconceitos, outros pesquisadores desafiam essa ideia. Linton (2006), por exemplo, acredita que quando as ações

de uma pessoa com deficiência têm propósito, ou sua arte é significativa, suas palavras têm sentido, elas inspiram sim e é legítimo considerá-las corajosas por desafiar as expectativas. Chrisman (2011) também refuta a ideia de que todas as narrativas sobre inspiração sejam rotuladas como *supercrip* e que todas as narrativas de *supercrip* sejam direcionadas para o público sem deficiência. Outros pesquisadores mostram ainda que nem todas as pessoas com deficiência consideram o estereótipo de *supercrip* negativo. Kama (2004), ao entrevistar deficientes em Israel, percebeu que a maioria apreciava a ideia do *supercrip*. Berger (2010), entrevistando atletas com deficiência, encontrou resultados que mostraram que enquanto uns apontam o estereótipo como negativo outros o apontam como empoderador.

Em nosso estudo, como nos estudos de Berger (2010), alguns atletas apontaram o estereótipo como problemático enquanto outros apoiaram sua presença na mídia.

(...) e não superação também, porque superação é algo que eu sempre justifico que todo mundo tem uma história dentro da família, pessoal,

uma superação de vida. Não é porque eu tive uma deficiência, não é porque o Daniel nasceu com uma má-formação congênita, não é porque o Alan nasceu sem as pernas, não é o Talisson perdeu num acidente, são fatalidades que acontecem na vida, pode acontecer na vida de todo mundo. Ahn, mas tão bacana seria se a gente começasse a valorizar um pouco mais o atleta, o resultado, e mudar essa conotação (André Brasil).

O atleta paralímpico é superação. Ele é totalmente superação, não tem como alguém olhar para um atleta paralímpico e não falar que ele é um exemplo, não tem como você tirar isso. Se você pegar e colocar lá o..., vamos pegar o exemplo do Daniel Dias que é um ícone que todo mundo conhece (...). O Daniel Dias não é um atleta como outro qualquer. O Daniel Dias é um fenômeno, e ele é um exemplo. Porque com toda a limitação, vamos dizer assim, que o Daniel Dias tem, ele vive normalmente como qualquer outra pessoa, o cara é casado, tem filhos, tem uma família, o cara estuda, e vive

na sociedade. Então como que você vai falar que o Daniel Dias não é um exemplo para as outras pessoas? (Dirceu Pinto).

A superação de: “Olha lá não tem duas pernas e corre, num sei o que, taranran”, e isso é um ponto positivo porque você vai poder ser um exemplo para muita gente que está em casa ..., sofreu algum acidente e perdeu uma perna, sofreu um acidente e perdeu a mão, o braço, e vê que a vida continua apesar da deficiência. É bom porque você vai passar uma imagem positiva para muita gente, isso é bom. Eu tenho consciência que uma matéria que eu der, uma palavra que eu der na televisão pode: “Opa, o cara não tem as duas mãos, ele lutou, batalhou para conseguir tudo, por que eu vou me acomodar?” Eu acho bacana nesse sentido, porque eu posso passar uma mensagem positiva, mas eu não quero que o foco seja esse (Yohansson Nascimento).

Kama (2004) é uma das poucas autoras a diferenciar tipos de narrativas de *supercrip*. Sua pesquisa aponta dois tipos diferentes, primeiro o “regular”

ou aquele que realiza tarefas mundanas (casar, ter filhos, ter emprego, ter ensino superior, costurar, jogar vídeo game) e são exaltados. Essa vertente dá a ideia de que não se espera que uma pessoa com deficiência possa realizar essas tarefas e que, portanto, são diferentes de todo o resto da sociedade. Segundo o “glorificado”, que realiza feitos extraordinários (participar de Paralimpíadas, escalar o Everest, dar a volta ao mundo de bicicleta, tornar-se um músico famoso), e dá a ideia de que qualquer pessoa pode superar a deficiência se se esforçar o suficiente. Schalk (2016) acrescenta ainda um terceiro tipo, a narrativa do superpoderoso *supercrip*, geralmente são representações ficcionais de um personagem que possui habilidades ou poderes que operam em direto contraste com sua deficiência, como uma forma de apagamento da deficiência, substituindo-a por poderes extraordinários, como o personagem cego com superaudição.

Perguntamos aos atletas se eles tivessem que escolher entre duas matérias, uma em que suas conquistas fossem ressaltadas, suas medalhas, recordes e treinamento enfocados, e outra em que sua história de vida estivesse em primeiro plano com a descrição de

sua deficiência e de suas dificuldades, qual escolheriam e as respostas foram diversas.

Eu escolheria a da minha vida (...), o que fica depois que a gente passa, vamos dizer assim, aquilo que você deixou de exemplo para as pessoas como algo bom, aquilo que você fez de bom para as pessoas (Dirceu Pinto).

A segunda (...) seria exemplo para as outras pessoas, estar despertando o interesse de outras pessoas em praticar esporte... (Jerusa Santos).

Então eu mandaria você juntar, porque, vamos supor, como é que eu sou um atleta paralímpico, e não vou falar da minha deficiência? (...) Não dá para você separar as duas, porque... uma coisa está interligada à outra, não só da superação porque eu sou deficiente, mas da superação de ir lá treinar, de superação de deixar a família... (Yohansson Nascimento).

(...) não só nossa imprensa brasileira comece a mudar um pouco essa

visão de... coitadinho e atleta com deficiência para... atleta de alto rendimento e eficiência ou dedicação ou algo do tipo (...). Ahn, mas tão bacana seria se a gente começasse a valorizar um pouco mais o atleta, o resultado, e mudar essa conotação (André Brasil).

Terezinha Guilhermina: Eu prefiro... nesse momento a dos resultados.

Pesquisadora: Se fosse em outro momento você ia preferir...

Terezinha Guilhermina: A outra.

Dirceu Pinto e Jerusa Santos optaram pelo foco em sua história de vida para assim ser exemplo para outras pessoas, com e sem deficiência, Terezinha Guilhermina e André Brasil, por sua vez, disseram preferir os resultados, Terezinha, ressaltou, no entanto, que essa seria sua escolha para aquele momento e que em outra situação poderia preferir focar em sua deficiência e sua vida. Já Yohansson Nascimento e Maciel Sousa decidiram por unir as duas informações. O interessante aqui é que apesar de apenas dois atletas sugerirem que tanto as informações sobre sua deficiência e vida, quanto sobre seus feitos esportivos, de-

veriam estar presentes na fictícia reportagem. Essa ideia de que a deficiência e o esporte, e os sacrifícios e dificuldades atrelados a ambos, são partes indissociáveis de sua identidade, permeou as entrevistas de quase todos os atletas.

(...) pode falar da história de vida dele, pode falar das dificuldades, também faz parte, mas fala da importância daquilo que ele fez, do quanto bacana é o sacrifício diário (...). Por que as pessoas não contam essas histórias, do que simplesmente falar, “poxa era um menino que morava próximo a favela, teve poucas oportunidades, veio de classe média para pobre, bom, que é negro, que é isso, que é aquilo”? A gente não é cota (...) (André Brasil).

Tanto ele estar superando a deficiência dele, quanto ele é um profissional como qualquer outro. Ele é um profissional que trabalha, e tem o esporte como trabalho (...). Não deveria mostrar só o atleta como: “Ah, superou a deficiência através do esporte”. Tá, mas e toda a luta que ele teve? (...) Eu acho que, para contar a história tem que contar a

história completa. E não só, ahn..., a metade (Maciel Sousa).

Não somente o mundo, ou a sociedade, mas também o ser humano são complexos; muito complexos para o entendimento completo e direto. Não estamos preparados para lidar com tamanha sutileza, variedade, combinações e mudanças. E pelo fato de termos que lidar com esse mundo e interagir com outros seres humanos, sentimo-nos impelidos a simplificar e daí surgem modelos e estereótipos que nos auxiliam a navegar pela complexidade do ser (Lippmann, 1922). E assim também são gerados os binários, não se pode ser eficiente e deficiente ao mesmo tempo, quando isso ocorre, como no caso de atletas paralímpicos, torna-se necessário simplificar a complexidade da ideia de que há, na verdade, um leque de possibilidades. A representação desses atletas nas páginas dos jornais passa por esse processo de simplificação e apenas uma faceta é apresentada, conforme a atleta Terezinha Guilhermina ressalta durante a entrevista.

(...) infelizmente ainda existe aquele paradigma ou você é um vendedor de loteria ou você ganha medalha.

Ahn... além de ser atleta eu sou psicóloga, e eu não acho justo colocar as pessoas só em dois pacotes (Terezinha Guilhermina).

A maior parte das pessoas confia nas imagens literárias da cegueira como a “escuridão total”, surdez como “silêncio total” e lesões medulares como “paralisia total” que, contudo, podem ser misticamente superadas com “suficiente determinação”. Essas imagens têm como função constituir a eficiência e deficiência como conceitos radicalmente diferentes, em vez de parte de um amplo e complexo espectro humano (Marks, 1999).

Alguns atletas entrevistados demonstram consciência da multiplicidade de suas características e prefeririam ser representados como pessoas com deficiência e atletas, mas acreditam que talvez o preconceito possa, muitas vezes, impedir que os atletas e o evento – Jogos Paralímpicos – sejam retratados em toda a sua complexidade.

Eu não me sinto tão feio para aparecer, por exemplo, numa propaganda, ahn... O porquê, isso para mim ainda é o mais... cruel né? Mostra

ainda o preconceito né? Palavras como nós criamos no nosso vocabulário, hoje bullying, mas não deixa de ser preconceito. Ahn... O porquê que na Olimpíada, na modalidade natação, você tem a câmera subaquática, onde você acompanha o atleta, e por que na Paralimpíada você tem simplesmente fotos e relances... Por quê? Será que é feio mostrar debaixo a beleza do que é uma pessoa sem braço, sem perna nadar? Porque para mim, é belo. Mas será que é feio para o mundo? (André Brasil).

A não repercussão do esporte paralímpico, eu já ouvi uma coisa que foi o seguinte: “É deprimente ver uma pessoa sem braço na televisão”; eu já ouvi é... que não é agradável ver as pessoas cegas. É assim, têm vários motivos, eu não sei se isso seria um preconceito, talvez por falta de conhecimento do que uma pessoa com deficiência é capaz de fazer (Terezinha Guilhermina).

Alguns dos atletas entrevistados relataram ainda ter sofrido o preconceito da sociedade.

(...) infelizmente às vezes a pessoa vê a bengala antes de ver a gente. Não querem nem olhar para a cara. E... acontece assim, de vez em quando acontecem umas coisas assim. Já ouvi muito tipo: “Ela é muito sarada para ser cega, para ser deficiente”, ou “Ela tá muito bem vestida para ser cega”. Quando eu vou passar na frente do banco ou em algum lugar às vezes a pessoa comenta; você tem que estar mal vestida, você tem que andar torto, tem que olhar torto, não pode saber se expressar, porque senão você não é deficiente. Infelizmente ainda existe muito preconceito (Terezinha Guilhermina).

E as pessoas tiravam sarro de mim quando eu andava. Então tudo isso entrava na minha cabeça e me fazia ficar cada vez mais preso dentro de casa. Então eu não tinha uma boa convivência com a minha deficiência quando eu andava... e eu sentia muitas dores nas pernas, dores na coluna de andar e ficar de pé, então eu não tinha vida (Dirceu Pinto).

Chang et al (2011) ao analisarem a cobertura dos Jogos Olímpicos e Para-

límpicos perceberam que os jornais publicaram artigos que comparavam atletas participantes dos dois eventos, que se por um lado enfatizavam a excelente performance dos atletas com deficiência, por outro desqualificavam o atleta com deficiência pela necessidade de legitimar seu sucesso através da comparação.

O atleta André Brasil aponta que muitas vezes foi comparado com atletas olímpicos com resultados inferiores ao dele. E mesmo com resultados mais positivos, os atletas paralímpicos não só têm menos quantidade e qualidade na cobertura midiática, como também menos oportunidades de patrocínio e são com menos frequência escolhidos como garotos-propaganda de marcas diversas.

2007, meu primeiro Panamericano, me compararam ao Thiago Pereira, já que eu ganhei oito medalhas, seis de ouro, uma de prata e uma de bronze. E para um cara muito crítico, ahn..., a minha primeira cutucada junto à imprensa. Quando me compararam ao Thiago, ahn.... eu virei e falei “Bom, o Thiago quebrou algumas marcas sul-americanas, mas eu tive três quebras de recorde mundiais (...).

O que diferencia o André do Cesar? (...) Bom, o Cesar fez algo inédito, ganhou uma medalha de ouro, depois, posteriormente, ele, minto, ele ganhou uma medalha de ouro e uma medalha de bronze em 2008, depois, posteriormente, em 2012 uma medalha de bronze. Mas o que difere realmente o cara que tem três medalhas olímpicas, de um cara que tem dez, que é o meu caso? Tenho sete de ouro e três de prata, que é muito mais do que ele fez... ahn... O porquê que ainda é feio para uma empresa ou um patrocinador, ahn... bancar ou pagar uma propaganda para uma pessoa com deficiência aparecer na tv (André Brasil).

E mesmo apontando os resultados mais positivos dos atletas paralímpicos, os entrevistados visam apenas igualdade na cobertura midiática de Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Sim, chateia, porque eu queria que fosse igual. O mesmo... a mesma quantidade de tempo que mostram os atletas olímpicos deveria mostrar os paralímpicos também (Jerusa Santos).

É... antes era assim a gente lá embaixo e eles lá em cima, eles continuam tendo a visibilidade power, mas só que a gente está crescendo cada vez mais. Eu espero muito, e estou fazendo por onde que um dia isso seja igual. (...) Eu não quero que o paralímpico tenha mais visibilidade do que o olímpico, mas também não quero que o olímpico tenha mais do que o paralímpico, quero todo mundo ali, porque quando eu estou correndo, vou citar um alagoano também Bruno Lins, a Jéssica, que são atletas do atletismo, são de Alagoas, quando ele ganhou uma medalha as cores da bandeira que ele representa são as mesmas cores que eu represento (Yohansson Nascimento).

Independentemente de ser ou não, é... ter ou não deficiência, nós somos brasileiros e também vamos estar defendendo a bandeira brasileira, eu espero que a gente tenha, no mínimo dentro do Brasil, a mesma repercussão que o convencional tem (Terezinha Guilhermina).

Thomas e Smith (2003) também observaram a tendência dos jornais

em traçar essas comparações como se os atletas paralímpicos almejassem a “normalidade”. Essa representação responde à ideia de que o corpo desses atletas é defeituoso e que através do esporte pode ser reformulado, criando-se legitimidade e aceitação social (Hargreaves, 2000; Thomas & Smith, 2003). De diversas formas, a participação das pessoas com deficiência no esporte é uma maneira de lidar com o estigma da deficiência. Nixon (1984) e Asken (1991) elucidam que essa participação dá a ideia de que as pessoas com deficiência não são significativamente diferentes dos outros. E, por isso, a comparação entre os atletas olímpicos e paralímpicos pode ser fundamentada nessa ideia. Contudo, não podemos deixar de notar que essa prática enfraquece as tentativas das pessoas com deficiência em criar sua própria identidade.

Exemplo clássico é o livro “Paralympics: where heroes comes” de Steadward e Peterson (1997, p. 8). De acordo com os próprios autores, no prefácio, o manuscrito foi inspirado no slogan dos Jogos de 1996 “(...) the Olympics is where heroes are made. The Paralympics is where he-

roes comes”¹. Na primeira sentença percebe-se que para atingir o status de herói o atleta olímpico precisa atingir o patamar mais elevado, através da alta performance conquistada por esforço, treinamento e disciplina, ou seja é um processo ativo. Em contraste, a segunda sentença nos mostra que todo atleta paralímpico é herói, independente de sua performance, e assim temos um processo passivo. De acordo com Peers (2009), esse contraste inferioriza os atletas paralímpicos em sua performance, a importância de suas conquistas, de seu treinamento, estratégia, organização, etc. Aqui temos a associação à ideia de que o atleta paralímpico teve de superar a deficiência, portanto só o fato de participar de um evento esportivo o tornaria herói.

Assim, as comparações delineadas visam atingir a legitimidade do atleta e esporte paralímpico, só atingida através das relações estabelecidas com o esporte e atletas convencionais. Contudo, atletas que transitam entre as duas categorias, como o citado caso de Pistorius, podem gerar maior interesse da mídia,

mas não chegam a ultrapassar a barreira entre os esportes, uma vez que não podem pertencer às duas categorias ao mesmo tempo.

Conclusão

O que observamos em nosso estudo foi que alguns dos atletas buscaram o esporte como ferramenta de reabilitação, outros apenas por lazer, e outros ainda como profissão pela dificuldade encontrada no mercado de trabalho por conta da deficiência. Alguns reportaram que o esporte os auxiliou no entendimento e aceitação da deficiência, outros afirmaram que a deficiência nunca foi uma questão, e que já se sentiam resolvidos muito antes do esporte aparecer em suas vidas. O que queremos demonstrar aqui é que cada entrevistado é uma pessoa única, que percorreu um caminho singular, e que por mais que ter uma deficiência e ser atleta os una, cada um percebe o mundo de uma maneira própria, expressa durante a entrevista.

Observamos, também, que a maioria dos atletas consome informações de diversos meios de comunicação, interessados não só nas notícias sobre si, mas também sobre o esporte paralímpico

como um todo, preocupados com a sua pouca divulgação. Eles apontam a mídia como um fator relevante para a construção de sua carreira, reconhecendo que os meios de comunicação influenciam em seu reconhecimento social e também em ganhos financeiros, principalmente em patrocínios.

A opinião geral dos entrevistados é a de que a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos está longe de ser ideal, contudo houve consenso de que essa cobertura melhorou nos últimos anos, com o aumento da atenção midiática dada ao evento e seus atletas, e com o maior foco no esporte e não na deficiência. O que ouvimos dos entrevistados foi que a mídia “está no caminho certo”, mas que ainda há muito que ser feito. Eles(as) lembram que só é possível encontrar informações sobre o esporte adaptado durante os Jogos Paralímpicos, e atentam para a necessidade de se noticiar também outros campeonatos e competições em que participam. Todos citaram 2016 como um marco, com a expectativa de que haja melhora, ainda maior depois de o Brasil sediar os Jogos Paralímpicos.

Seus discursos, no geral, apontam a necessidade de maior valorização do esporte, frustração com os erros cometi-

1 (...) as Olimpíadas são onde os heróis são construídos. As Paralimpíadas são onde os heróis vão (Tradução livre da autora).

dos por jornalistas e com os estereótipos midiáticos, em especial com o “coitadinho”. Alguns atletas percebem o modelo do *supercrip* como problemático por elevar a exigência para as pessoas com deficiência e por reforçar os sistemas de dominância, entretanto outros acreditam ser esse um modelo que empodera o atleta ao destacar a coragem e superação. Assim, como afirma Schalk (2016), o estereótipo do *supercrip* pode ser recebido e interpretado de formas diferentes.

Percebemos que os atletas se identificam com o grupo de pessoas com deficiência, mas também com o grupo de atletas, de brasileiros, de maridos e esposas, de filhos e filhas. A identificação é um processo de articulação, construída a partir do reconhecimento de características compartilhadas com outras pessoas (Hall, 2013). Enquadrar as pessoas em uma caixa fixa é muito simplista para a complexidade do ser humano. A identidade não é fixa, é uma questão de escolha.

Os atletas entrevistados para este estudo percebem que há sub-representação do esporte paralímpico, seja quantitativa ou qualitativa. No entanto, ao serem questionados sobre como gostariam de ser representados pela mídia, não

houve consenso. Alguns afirmaram que preferiam ter seus feitos esportivos exaltados, outros sua história de vida, com foco na superação da deficiência, outros ainda apontaram que ambos deviam estampar as páginas dos jornais. Essa falta de consenso demonstra que este é ainda um tema em ebulição que merece maior escrutínio e que os atletas são, na verdade, muito mais complexos do que estudos anteriores nos fizeram crer.

REFERÊNCIAS

- Asken, M. J. (1991). The challenge to the physically challenged: Delivering sport psychology services to physically disabled athletes. *The Sport Psychologists*, 5, 370-381.
- Berger, R. J. (2008). Disability and the Dedicated Wheelchair Athlete Beyond the “Supercrip” Critique. *Journal of Contemporary Ethnography*, 37(6), 647-678.
- Bertling, C. Disability Sports in the German Media. In O. Schantz, & K. Gilbert (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport* (pp. 55-64). Illinois: Common Ground Publishing LLC.
- Change, I. Y., Crossman J., Taylor, J., & Walker, D. (2011). One World, One Dream: A qualitative comparison of the newspaper coverage of the 2008 Olympic and Paralympic Games. *International Journal of Sport Communication*, 4, 26-49.
- Chrisman, W. L. (2011). A Reflection on Inspiration: A recuperative call for emotion in disability studies. *Journal of Literacy & Cultural Disability Studies*, 5(2), 173-184.
- Figueiredo, T. H. (2017). *Atleta Real x Atleta de Papel: A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa* (Tese Doutoral, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017).
- Fong, A., & Katz, S. (2012) USA vs. Canada: An analysis of media coverage of Paralympic athletes. In O. Schantz, & K. Gilbert (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport* (pp. 113-120). Illinois: Common Ground Publishing LLC.
- Golden, A. V. (2003) An Analysis of the Dissimilar Coverage of the 2002 Olympics and Paralympics: Frenzied Pack Journalism versus the Empty Press Room. *Disability Studies Quarterly*, 23(3/4), 2003, 1-16.

- Hagreaves, J. (1985). The body, sport and power relations. *The Sociological Review*, 33, 139-159.
- Hall, S. (1997). The spectacle of the "Other". In S. Hall. (Ed.) *Representation: cultural representations and signifying practices* (pp. 223-290). Londres: Sage/Open University.
- Kama, A. (2004). Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. *Communications*, 29, 447-466.
- Lima, F. J. (2011). Breve Revisão no Campo de Pesquisa sobre a Capacidade de a Pessoa com Deficiência Visual Reconhecer Desenhos Hapticamente. *Revista Brasileira Tradução Visual*, 6(6).
- Linton, S. (1988). *Claiming Disability: Knowledge and identity*. New York: New York University Press.
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Macmillan.
- Marks, D. (1999). *Disability: Controversial debates and psychosocial perspectives*. London and New York: Routledge.
- Mariani, B. (2014). Nome Próprio e Constituição do Sujeito. *Letras*, 24(48), 131-141.
- Moraes, M. C. B. (2000). Sobre o Nome da Pessoa Humana. *Revista da EMERJ*, 3(12), 48-74.
- Nelson, J. A. (1994). Broken Images: Portrayals of those with disabilities in American media. In J. A. Nelson (Ed.). *The Disabled, the media, and the information age* (1-24). Westport, CN: Greenwood Press.
- Newlands, M (2012). Debunking Disability: Media discourse and the Paralympic Games. In O. Schantz, & K. Gilbert (Eds.). *Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport* (pp. 209-224). Illinois: Common Ground Publishing LLC.
- Nixon, H. L. (1984). Handicapism and sport: New directions for sport sociology research. In N. Theberge & P. Donnelly (Eds.). *Sport and the Sociological Imagination* (pp. 162-176). For Worth: Texas Christian University Press.
- Peers, D. (2009). (Dis)empowering Paralympic histories: absent athletes and disabling discourses. *Disability & Society*, 24(5), 653-665.
- Riley, C. A. (2005). *Disability & the Media: Prescriptions for Change*. Hanover and London: University Press of New England.
- Schalk, S. (2016). Reevaluating the Supercrip. *Journal of Literary & Cultural Disabilities Studies*, 10(1), 71-86.
- Schantz, O., & Gilbert, K. (2001). An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. *Sociology of Sport Journal*, 18, 69-94.
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. Produção de Sentidos no Cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. P. Spink (Org.) *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (pp. 41-61). São Paulo: Cortez.
- Steadward, R. D., & Peterson, C. J. (1997). *Paralympics: Where heroes come*. Edmonton: One Shot Holdings.
- Thomas, N., & Smith, A. (2003). Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of British Media Coverage of the 2000 Paralympic Games. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 20, 166-181.
- Tynedal, J., & Wolbring, G. (2013). Paralympics and its Athletes Through the Lens of the New York Times. *Sports*, 1, 13-36.